

**JOÃO CRAÚNO**  
(Carlos Eugênio Costa da Silva)

João Craúno nasceu pobre,  
desgarrado e teatino.  
Veio conforme o destino  
inventou de lhe mandar.  
Na tesoura de tosquiar  
foi moldado ao modo antigo  
e entre ferrugem e sangue  
cortaram o seu umbigo.

Não teve berço, cuidados,  
nem carinho e achegos,  
dormia sobre os pelegos  
tapado só com o xergão.  
Cresceu guri pé no chão  
brincando em tropa de osso  
e no cabo da enxada  
a infância rendeu-se ao moço.

Era sozinho na vida,  
não conheceu nem os seus,  
sempre ouviu falar de Deus  
e na infinita bondade,  
mas não sabia a ansiedade  
que em seu peito faz morada  
nem porque Deus dava muito  
e pra ele nunca deu nada.

Não tinha crença nenhuma,  
só no suor de seu rosto,  
cevava o amargo desgosto  
de nascer já rejeitado,  
e no braço do arado  
tinha um sonho a realizar:  
ter a sua própria terra  
e pra si poder plantar.

Mas pra um peão não era fácil  
em patrão se transformar,  
pois muito era o trabalhar  
e pouco o pagamento.  
Seu omisso sentimento  
lhe cobrava a ação  
de dar um chega a miséria,  
um basta na exploração.

Ouviu falar que o Justino,  
como ele um empregado,  
foi-se embora pro povoado  
e “mui bien” se deu por lá,

pensou então em “troteá”  
e o cavalo logo ferra:  
Ganho uns cobre na cidade  
depois compro “minhas terra”.

Arrumou tudo que tinha  
para partir sem demora:  
Um rebenque, um par de espora,  
a canha faltando um terço,  
o pelego que foi berço  
e na vida companheiro,  
sua mala de garupa  
e parte a trote chasqueiro.

Com a esperança a cabresto  
e na garupa a vontade,  
se adentrou na tal cidade  
de manso, pitando um baio,  
mas olhares de soslaio  
lhe dirigiam trancucho  
pois ali o modernismo  
eliminou o gaúcho.

Sentiu, não era no más  
a nova vida começar,  
ninguém queria empregar  
um grosso, um agricultor,  
cidade não dá valor  
pra pouco conhecimento  
e é impossível plantar  
aonde só há cimento.

Começou a viver de changa  
trabalhando por comida  
e os sofrenços da vida  
lhe mandando ir embora.  
Mas o que fazer agora  
lhe cobrava a realidade:  
ser explorado no campo  
ou marginal na cidade?

Chorou lembrando da vida  
que levava até ali.  
Desde piá, de guri  
a sorte o contrariou,  
e quando um sonhe criou  
tentando realizar  
o destino na paleta  
a espora quis cravar.

Voltou pra terra de onde  
jamais devia ter saído,

o peito em sulcos, ferido,  
a face triste, enrugada,  
sem esperança em nada  
fez valer o sacrifício:  
é ruim ser explorado  
mas pior é não ter ofício.

Reencontrou-se co'a enxada  
que a tempos tinha largado,  
viu de novo o arado  
de sol a sol companheiro,  
viu terra, sentiu o cheiro  
do campo que ele plantou  
e no verde que enxergava  
sua vida rebrotou.

Passou a viver como antes:  
semeando, colhendo dor  
e o sonho de agricultor  
em vida nunca brotou.  
Porém quando o fim chegou  
dando fim a sua guerra  
o sonhe realizou-se  
em 7 palmos de terra.